

Imagens documentais de Saúde Pública e resistência. O trabalho de Michael Goldblatt na Alexandra Clinic

Paula Fortunato¹, Pedro S. Bello²

(1) Texto

(2) Fotografia(*)

Começamos esta viagem com recurso à memória semântica de Michael Goldblatt, revisitando o ambiente da África do Sul no final dos anos 80, início dos 90, do século XX, em pleno apartheid. Mas é quando se acrescenta a memória visual, sustentada por documentos históricos e pelas fotografias que tirou, que a emoção transparece mais do que nunca. Cada fotografia conta uma história. Cada história traz consigo inúmeras emoções, umas vezes de sofrimento, outras de esperança, mas sempre de humanismo e resistência. Estes trabalhos fotográficos de Michael Goldblatt, do período em que trabalhou para a Alexandra Clinic, deixam transparecer um pouco das influências que recebeu de fotógrafos documentais como W. Eugene Smith.

No coração da zona metropolitana de Alexandra, Joanesburgo, onde a segregação, a pobreza e a falta de saneamento básico eram parte do quotidiano imposto pelo apartheid, a Alexandra Clinic emergiu como um farol de esperança e cuidado. Com a população a crescer rapidamente e o sistema de saúde estatal a ignorar as necessidades dos mais vulneráveis, a clínica expandiu-se e passou a fornecer cuidados médicos a milhares de pessoas que, de outra forma, não teriam a quem recorrer. Além da comunidade envolvente, muitas pessoas vinham de longe para serem vistas por um médico. Mães com os seus bebés nos braços atravessavam longas distâncias até à clínica, onde enfermeiras e médicos combatiam doenças e a desnutrição, num gesto de humanismo que desafiava a indignidade do apartheid.



O esforço incansável de quem recusava desistir, apesar das injustiças do regime, ficou registado para a posteridade através da lente atenta de Michael Goldblatt, que durante cerca de 10 anos trabalhou para a clínica, ilustrando os seus relatórios anuais e ajudando a captar apoios financeiros.

A clínica tornou-se um espaço onde o rastreio de tuberculose, a vacinação infantil contra a poliomielite e as consultas de saúde materno-infantil salvavam vidas diariamente, num ambiente muitas vezes superlotado,

(*) As imagens históricas que documentam a atividade da Alexandra Clinic aqui reproduzidas integram o arquivo fotográfico pessoal de Michael Goldblatt e Adele Gordon(**), tendo sido gentilmente cedidas para efeitos de publicação neste artigo.

(**) Adele Gordon nasceu na África do Sul em 1944 e, depois de estudar bioquímica, decidiu mudar de carreira e tornou-se pedagoga, obtendo o seu Ph.D. em Educação Rural na África do Sul. Parceira de Michael Goldblatt numa vida repleta de aventuras, Adele integrou com ele a primeira organização privada de ensino de fotografia na África do Sul, a “Phototeach”, especializada em ensinar os fundamentos da fotografia a jovens desempregados e em Master Classes para fotógrafos amadores e profissionais. Após a mudança para Cape Town, Adele Gordon continuou, em conjunto com Michael Goldblatt, a oferecer cursos de fotografia direcionados a jovens desfavorecidos.

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.572>



sem recursos e de grande perigo, nomeadamente para quem documentava fotograficamente todo esse trabalho, correndo risco de vida sempre que as investidas da polícia estatal entravam em Alexandra. As fotografias que escolhemos representam apenas uma pequena parte das lembranças dessas vidas que resistiam apesar de um sistema que negava igualdade e que recusava cuidados médicos à maioria da sua população.

Além dos cuidados que prestava, a clínica desempenhou um papel fundamental no ensino, na educação em saúde pública e em campanhas contra doenças infecciosas. Mais do que uma instituição de saúde, estas fotos mostram-nos um símbolo de resistência e humanismo. Como Michael Goldblatt enfatiza: “a ética na Alexandra Clinic era muito mais do que apenas prestar cuidados de saúde, era criar uma comunidade para a comunidade”.

O trabalho com a Alexandra Clinic começou quase por acaso, para ajudar uns amigos, mas levou a que, entre 1984 e 1994, Michael Goldblatt registasse imagens do apartheid e do trabalho exemplar da clínica, complementando os relatórios anuais descritivos. Esses relatórios ofereciam uma visão clara das atividades e do contexto da época, servindo também para angariar fundos. David Robb, gerente da Alexandra Clinic e Tim Wilson, o diretor, pediram-lhe fotos para essa finalidade. Foi assim que Michael descobriu a clínica. Durante o apartheid, havia uma segregação rigorosa entre os diferentes grupos étnicos e Alexandra era uma área designada para africanos. Ficava a poucos quilómetros de uma das áreas mais ricas da África do Sul, o bairro de Sandton, sede de muitas das grandes corporações que operavam no país.

Nessa época, era desafiante e stressante tirar fotogra-

fias na África do Sul pois, com as imagens que registava, Goldblatt opunha-se ao Estado e ao regime segregacionista, consciente de todos os riscos inerentes. A maioria das fotos foi tirada antes de 1994, quando o apartheid ainda vigorava. Houve muita violência em 1991, pouco depois de Mandela ser libertado no ano anterior. Por esse motivo, o fotógrafo era geralmente acompanhado por um segurança local, indicado pela Clínica, para o proteger.

A clínica não recebia financiamento do governo, por ser uma organização anti-apartheid, dependendo de fundos privados. Os seus representantes viajavam para a Europa para angariar fundos, relatando as condições vividas pelas pessoas sob o apartheid. Depressa se aperceberam que mostrar fotografias era mais eficaz do que relatar verbalmente. “Não era como se eu estivesse a fotografar para um jornal. As fotos foram feitas para serem mostradas às pessoas, para mostrar os cirurgiões a trabalhar e tudo o que a clínica estava a fazer pelas comunidades e as circunstâncias em que as pessoas viviam. Eu queria mostrar a realidade e fazer com que quem observasse as fotos compreendesse as circunstâncias em que a Clínica operava.” As imagens tinham um alcance muito maior do que palavras.

A Alexandra Clinic foi um centro vital de cuidados de saúde no município de Alexandra, na região metropolitana de Joanesburgo. A área, negligenciada, sofria com extrema superlotação e segregação, sendo conhecida como uma “cidade sombria”. Naquele período, Michael Goldblatt já havia deixado a advocacia e, sempre que algo acontecia na clínica, era chamado para fotografar. Morava a cerca de 20 minutos de carro e era avisado sobre emergências ou eventos

importantes, muitas vezes envolvendo conflitos na cidade ou projetos comunitários da clínica. Hoje,

conserva um acervo histórico fotográfico que documenta esse trabalho vital.



“As condições sanitárias em Alexandra eram horríveis. Estas fotografias mostram como o munício, uma parte de Joanesburgo, realmente era: sem água e sem esgotos... Apenas uma vez por semana, é que vinham os caminhões recolher esses baldes de esgoto. Havia muito lixo e as crianças brincavam no meio dele e os animais passeavam-se por entre os dejetos.”



“O centro médico de Alexandra tinha um programa muito forte para mãe e bebês, incluindo a vacinação contra poliomielite. Como eu não podia entrar na seção das mulheres, estas fotos eram tiradas pela Adele Gordon.”



“Aqui vemos um homem a ser levado para a clínica. Que distância terão caminhado, empurrando aquela cadeira, para lá chegar? Mas esse homem teve sorte pois ia numa cadeira de rodas.”

Tirar fotografias no município de Alexandra era extremamente difícil por duas razões: a criminalidade e as frequentes incursões policiais para prender opositores ao apartheid. “Eu costumava sentir medo de andar com a câmara, pois podia ser roubada por uns ou destruída por outros. Naquele período, enquanto fotógrafo, eu corria riscos perante qualquer um dos lados do conflito. É por isso que, quando as coisas se agravaram, a clínica passou a disponibilizar seguranças para garantir a nossa proteção.” Com o tempo, as pessoas da comunidade passaram a conhecer Michael Goldblatt e, às vezes, até lhe ofereciam chá ao vê-lo caminhar pelas ruas. “Mas, em todos os momentos, tinha de ter extremo cuidado para não ser apanhado pela polícia do Estado, que não queria que eu relatasse o que se passava.” Houve uma altura que a clínica foi bombardeada com bombas incendiárias pelo governo estadual, porque, obviamente, que ao tratar todos por igual, este centro médico “era um espinho” no seu caminho de segregação.

“Muito frequentemente, a clínica era invadida pela polícia. O perigo era real e, por vezes, eu tinha que me esconder com a câmara e todo o equipamento.” Na época, pensava apenas no serviço prestado à clínica, sem medir o valor pessoal das fotos, embora soubesse que estava a documentar a história contemporânea. “Era muito mais do que apenas contar uma história. Tornou-se muito mais amplo do que apenas fazer um relato para os outros; de certa forma, tornou-se muito emocional.”

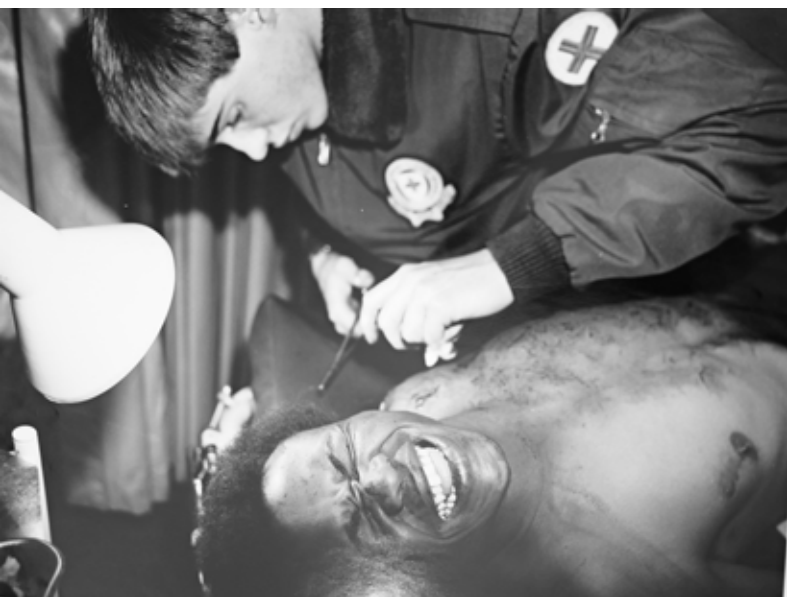
Ao rever as imagens, perguntámos que tipo de emoções ou reflexões elas invocavam. Michael Goldblatt explica: “Sabe, é difícil separar as coisas porque, naquele momento, quando caminhávamos pelo município ou quando estávamos na clínica, era de partir o coração ver a devastação e a forma como as pessoas tinham que viver. Qualquer pessoa percebe isso... mas quando estamos a fotografar, quase que esquecemos que é a realidade. Às vezes é perigoso porque, através da lente, parece que não é real. Sente-se, ou cria-se, esse tipo de distanciamento. Mas é claro que eu estava emocionalmente envolvido. Se estamos a fotografar paisagens conseguimos distanciar-nos e observar apenas. Mas, no trabalho feito em Alexandra, é tudo incontornavelmente verdadeiro. Quando se está numa sala com pessoas a sangrar, crianças a chorar com ferimentos graves, é totalmente diferente. Ainda assim... o fotógrafo realmente esconde-se atrás da câmara. E isso dá um pouco de distância para não se perder

emocionalmente. De outra forma não seria possível continuar a registar.” Depois, o fotógrafo ia para casa, guardava a câmara e permitia-se sentir novamente. “Desenvolver essa habilidade é uma necessidade para poder fazer este tipo de trabalho.”

A Alexandra Clinic começou como clínica, mas cedo se transformou numa escola médica universitária. Além de executar todas as atividades clínicas, funcionava como centro de treino e os estudantes participavam ativamente no trabalho da clínica. As imagens mostram a vacinação contra a poliomielite, realizada tanto na clínica quanto em programas de alcance comunitário. A equipa ia às comunidades, e tanto dava vacinas como dava formação às avós, ou promovia cuidados básicos. E, numa época em que a SIDA se tornava uma ameaça crescente, a clínica não podia ignorar a doença, e as enfermeiras davam aulas sobre o uso de preservativos na Clínica e também nas pequenas empresas locais.

Para além de todo o trabalho em prol da saúde pública, destacava-se a abordagem de “cuidados prestados na comunidade”, um conceito bastante moderno para a época. Como sublinha Michael Goldblatt: “Em tempos de crise, é realmente importante que a medicina não concentre todas as suas atividades num único espaço hospitalar.” E, por isso mesmo, as atividades da Clínica espalharam-se por toda a comunidade.

Continuamos a passear o olhar por histórias documentadas em dezenas de fotografias. Um trabalho que vai muito além da estética; algumas embora muito tristes, carregam uma beleza profunda pois refletem a relação íntima entre a clínica e a comunidade. Mais do que fotografias, são pedaços essenciais de “memória histórica”, como explica Michael Goldblatt. “Usei esse termo deliberadamente, porque essas fotografias foram criadas com um propósito claro: arrecadar fundos para a clínica, mostrar o ambiente de trabalho e registar as ações que estavam a ser realizadas. E havia muito trabalho a decorrer: cuidar das mães e dos seus bebés, dos idosos, das pessoas com deficiência”. Um exemplo perseguido pelo poder durante o apartheid mas que, quando após o fim desse terrível regime, em 1994, o ANC - African National Congress (Congresso Nacional Africano) assumiu os destinos do país, como concluiu o nosso entrevistado, “fez com que a Clínica Alexandra fosse reconhecida como um exemplo/modelo, inspirando a abertura de outras clínicas em todo o país”.



“Na primeira imagem vemos um rapaz a ser suturado. Talvez fosse fim de semana. À sexta e ao sábado havia sempre mais violência. Na outra fotografia, outro jovem, de cabeça partida. Terá sido resultado do álcool ou de alguma intervenção policial? Ou será o resultado de tensões decorrentes da pobreza?”



“A maioria dessas fotos presta testemunho de alguma atividade da Clínica. Uma das mais importantes era o treino que as enfermeiras faziam junto das comunidades. Estas imagens, especificamente, foram tiradas num sábado quando fui acompanhar a enfermeira numa visita comunitária e mostram alguns pormenores do trabalho que ela fazia, além dos cuidados de saúde propriamente ditos.”



“O centro médico de Alexandra fazia também rastreios, entre tantas outras intervenções fundamentais para melhorar a saúde da população.”

Vislumbre do quotidiano de Alexandra no século XX

De imagem em imagem, vamos caminhando pelo município de Alexandra, acompanhados pela lente, mas também pelo relato de Michael Goldblatt: “Estas são as barracas onde as pessoas têm seu gado e vivem. (...) Esta fotografia é um exemplo do espírito de resistência, é uma história incrível. Esta jovem foi queimada quase até à morte e não havia aparentemente cuidadores por perto. Então a Clínica descobriu que a mãe tinha que ir trabalhar todos os dias, pois era trabalhadora doméstica, e trancava a criança numa pequena barraca, sentada numa cadeira de rodas. E estas situações aconteciam todos os dias. Apesar da cadeira de rodas, não havia espaço para se movimentar e também não conseguia levantar-se por estar gravemente queimada. E este era o lugar, quero dizer, a pequena barraca onde



ficava”. O observador atento irá reparar que apesar de exíguo, os habitantes tentavam ter espaços organizados. “Encontrávamos sempre a cozinha e o espaço de guardar utensílios separados do quarto, nem que fosse por uma cortina.”

Clínica Universitária de Alexandra: Origens, missão e impacto

O Centro de Saúde e Clínica Universitária de Alexandra (AHC) foi fundado no final da década de 1930 pela Irmã Ruth Cowles, uma enfermeira ligada à American Board Mission, com a missão de prestar cuidados de saúde básicos aos moradores de Alexandra, que de outra forma teriam de percorrer longas distâncias a pé para obter atendimento médico. Inicialmente concebida como uma clínica missionária, a unidade respondeu a uma necessidade urgente de cuidados de saúde acessíveis numa comunidade com poucos recursos. A partir da década de 1940, a clínica passou a integrar uma importante dimensão académica, ao tornar-se local de estágios clínicos obrigatórios para estudantes de medicina da Universidade de Witwatersrand. A instituição era supervisionada por um conselho presidido por figuras de destaque da sociedade sul-africana, como o juiz da Suprema Corte Oliver Schreiner e o juiz Trevor Ramsbotham, e funcionava com financiamento proveniente de doações, pequenas taxas pagas pelos pacientes e iniciativas de angariação de fundos organizadas por estudantes. Ao longo das décadas, o Centro de Saúde Alexandra

consolidou-se como um centro de referência para cuidados de saúde abrangentes - preventivos, curativos e de reabilitação - servindo a população local. Estudos do final do século XX documentam o seu impacto em áreas como fisioterapia, monitorização do crescimento infantil e ações de extensão comunitária. Mas nada mostra tão bem a importância da Clínica como o trabalho de Michael Goldblatt. As suas fotos mostram bem todo o alcance e importância deste pólo de cuidados de saúde e resistência, tanto na formação médica como na prestação de cuidados essenciais à comunidade de Alexandra.



Nesta imagem vemos Michael Goldblatt a ensinar os alunos a processar impressões coloridas.

Agradecimentos

Os autores expressam o seu profundo agradecimento a Michael Goldblatt e Adele Gordon pela generosa hospitalidade, bem como pela partilha de memórias, testemunhos e documentação fotográfica, que permitiram a concretização deste trabalho.